

OS TRAJES DE CANDOMBLÉ E AS INDUMENTÁRIAS DE ORIXÁS DO TERREIRO DA GOMEIA NA REVISTA “O CRUZEIRO DE 1967”


Santos, José Roberto Lima; Mestre em Artes; UNESP; jrl.santos@unesp.br ¹
Fayola Odara²

RESUMO

O presente trabalho se propõe a analisar e descrever os trajes de candomblé e algumas das indumentárias dos orixás produzidas no Terreiro da Gomeia do Rio de Janeiro, tendo como dirigente João Alves Torres Filho (1914-1971), conhecido como Joãozinho da Gomeia, que foram publicados na matéria “Joãozinho da Gomeia e os segredos do candomblé - A Ronda misteriosa dos orixás”, na Revista “O Cruzeiro de 1967”. Segundo Mendes (2014), a matéria ocupou 13 páginas inteiras e mais três contracapas de publicidade. A reportagem de Indalécio Wanderley e fotografia de Ubiratan de Lemos mereceu ainda o destaque de figurar na capa da publicação (MENDES, 2014, p. 65). Segundo Carlos Nobre, em Gomeia João - A arte de tecer o invisível (2017), o Taata/Bábálòrisá Joãozinho da Gomeia gostava de roupas luxuosas dentro e fora do terreiro. Devido a essa particularidade, as vestes de seu espaço religioso e de suas divindades eram extremamente elaboradas. Muitos afirmam, que o sacerdote inseriu no candomblé, os tecidos nobres europeus, brilhosos, joias e tecidos africanos, devido a sua relação com a arte da costura e confecção do vestuário religioso de seu templo/terreiro. E com isso, nos dá a entender de que o interesse da revista O Cruzeiro de 1967, se deu para além do luxo, pois atentou-se em propagar a importância do vestuário religioso, colaborar para valorização cultural e do uso das vestes através de sua inédita publicação. E ainda, a valorização do corpo negro na diáspora, uma vez que o vestuário conta histórias, mitos e quem foram as divindades africanas pretas. A estudiosa Leda Martins, em Performance do Corpo espiralar (2021) ressalta que o corpo que sustenta o traje e o personagem é uma tela que carrega um vasto repositório de memórias e potencialidades. Um corpo historicamente conotado por meio de uma linguagem

¹ Mestre em Artes Cênicas pela UNESP – Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” – (2018-2022), fazendo parte do Grupo de Estudos Investigações Cênicas: Teatro, Brincadeiras, Rituais e Vadiagens e do Fayola Odara - Grupo de Pesquisas Estéticas Culturais Africanas e Afro Diaspóricas na USP – Universidade de São Paulo.

² Grupo de Pesquisas Estéticas e Culturais Africanas e Afro Diaspóricas. Para mais informações acessar: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelholinha/9495310241676023156814>



pulsante, que em seus circuitos de ressonâncias, inscreve o sujeito enunciadador-emissário, seus arredores e ambiências, em um determinado circuito de expressão, potência e poder. Em seus inúmeros modos de realização, em suas poéticas e paisagens estéticas, a corporeidade negra, como subsídio teórico, conceitual e performático, como episteme, fecunda os eventos, expandindo os enlaces do corpo-tela, como vitrais que irradiam e refletem experiências, vivências, desejos, nossas percepções e operações de memória. Um corpo pensamento. Um corpo também de afetos (MARTINS, p.80, 2021). Partimos da hipótese que os trajes dos adeptos e as indumentárias dos orixás publicadas em uma revista de importante circulação em seu período de vigência e atuação, se propôs a quebrar paradigmas e ir contra ao proselitismo negativo dado às religiões de matriz africana e ao seu vestuário.

Palavras-chave: trajes de candomblé; indumentárias de orixás; trajes religiosos afro-brasileiros.

